**HISTÓRIA DAS RELIGIÕES, O QUE ESTAMOS DISCUTINDO?**

**Não existe e nunca existiu um consenso sobre o que define religião**

***Luiz Fernando Santos de Lima*[[1]](#footnote-1)**

***Kaique Aparecido Gonçalves e Silva[[2]](#footnote-2)***

***Edvaldo Nascimento da Silva[[3]](#footnote-3)***

**Grupo de Trabalho (GT) :** GT 7 - Ensino Religioso, Culturas e Religiosidades Indígenas.

**Resumo**

O presente resumo expandido é uma análise referente à temática da disciplina História das Religiões, na perspectiva que a palavra religião não possui nenhum significado necessário, e um consenso que a defina. Observamos as diversas definições de religião, contudo sem uma definição que a caracterize. Objetivamos pesquisar as múltiplas possibilidades sobre o conceito de religião, sua disparidade com relação às diversas áreas da sociedade, incluindo os povos originários, buscando o entendimento conceitual por meio da comparação, e reconhecer a complexidade de identificar algo comum a todas as religiões. A metodologia foi uma análise de textos acadêmicos, por meio de uma revisão bibliográfica. O tema não é de consenso entre os especialistas, contudo consideramos demonstrar a legitimidade da disciplina, e a importância para a Ciência das Religiões e a sociedade.

**Palavras-chave:** Povos originários; religião; história; consenso; definição.

**1. Introdução**

Este resumo expandido procura, através de uma pesquisa teórico-bibliográfica, explicitar os conceitos que abrangem o termo religião e seus fenômenos, no sentido polissêmico. O texto apresenta uma comparação entre as obras que apresentam o entendimento sobre religião, com suas aproximações e distanciamentos, bem como as divergências. Contudo, o tema busca a contextualização, de acordo com Engler (2004, p. 28), “Não existe e nunca existiu um consenso sobre o que define religião. Como afirma Michel Despland, depois de pesquisar centenas de escritores europeus nos últimos dois milênios”.

O texto também apresenta um dito popular que se faz presente na sociedade, que causa desserviço à população brasileira. Concernente ao dito popular, encontramos vários questionamentos sobre a não discussão de alguns assuntos, no presente trabalho, restrito a religião, assunto do livro de Carvalho ( 2016), *Política, Religião e Futebol não se discutem. Quem disse que não?* Descreve sua experiência desde criança e observava o ditado como uma prece.

**2 Fundamentação teórica**

A pesquisa e os instrumentos utilizados para o levantamento, análise, classificação e organização dos dados, inicialmente contaram com o entendimento de Bellotti (2011), com relação à delimitação das pesquisas nas histórias das religiões, bem como as delimitações existentes entre o sagrado e o profano. Para que a religião fosse objeto de estudo, de acordo com Bellotti (2011, p. 17), “À luz do cientificismo, a religião torna-se um objeto de pesquisa, a ser esquadrinhado e analisado tal como qualquer outro fenômeno humano ou natural. Dessa forma, para que o estudo científico da religião surgisse, foi necessário dessacralizá-la”.

A pesquisa contemplou o campo da cultura religiosa, que apresenta relevância para o entendimento da sociedade, de acordo com Baptista (2018, p. 24), que “A pesquisa começa quando alguém se sente incomodado com algum fenômeno, fenômeno aqui no sentido de fato ou evento que pode ser descrito, analisado explicado e/ou interpretado cientificamente”. O fato diz respeito à disciplina de História das Religiões, que nunca existiu um consenso sobre o que define a religião.

**3 Metodologia**

Para o desenvolvimento deste resumo expandido, trabalhamos a linha de pesquisa, de acordo com Baptista (2018, p. 22, grifo do autor), “Pesquisar é um labor pautado pelos fundamentos epistemológicos que definem o estatuto do que é produção científica. Não obstante, a prática da pesquisa é, também, um exercício de prática artística no sentido *poiético* do saber fazer [...]”.

O trabalho foi desenvolvido de uma pesquisa teórico-bibliográfica, observando o cumprimento dos fundamentos das etapas principais, de acordo com Silveira (2018, p. 207, grifo do autor), “Nesse sentido, torna-se importante salientar que é fundamental em uma pesquisa teórico-bibliográfica a exigência de, pelo menos, duas etapas: a) *revisão de literatura e* b) *acesso ao material bibliográfico*”. As duas etapas foram fundamentais para o êxito da pesquisa.

**4 Resultados e Discussão**

O resumo expandido foi trabalhado conforme a área de Ciências da Religião e Teologia, observando as orientações, de acordo com Sampaio (2019, p. 902), “A área de Ciências da Religião e Teologia dedica a maior parte de seus estudos ao cristianismo, religião hegemônica em nosso país”. Ainda, de acordo com Sampaio (2019), existem poucos estudos com relação às religiões afro-brasileiras, e com redução ainda mais significativa dos Povos Originários.

Trabalhamos o dito popular que se faz presente na sociedade brasileira, e que causa desserviço à população. Encontramos vários questionamentos sobre a não discussão de alguns assuntos, no presente resumo, de acordo com Carvalho (2016, p. 8, 9, grifos do autor):

"*Política, Religião e Futebol não se discutem*." Eu nunca entendia o porquê não se discutir tais palavras, até porque não há uma verdade absoluta, nem mesmo para estas palavras, então há sim sempre o que discutir e deve-se discutir para que haja aprimoramento, seja este pessoal ou coletivo. Poucos dão conta que tal ditado está encravado na cultura da gestão pública, pois o medo de revés impera nas instituições públicas e interfere na prestação de serviços.

A religião se discute sim, sendo função dos cientistas das Religiões esclarecer sobre a importância da religião, que a religião é um fenômeno, de acordo com Ames (2006, p. 52), “Tratando-se da religião, consiste num determinado procedimento metodológico que analisa esse fenômeno por sua capacidade de cumprir a tarefa cívica de mobilizar os homens a favor do fortalecimento do Estado”. Já, no entendimento de Stern e Hanegraaff (2017), a religião e seus fenômenos, não se define seu objeto ao desfazer-se pela diversidade de especificações, e pela dificuldade de se chegar a um consenso.

Sobre a definição de religião, são apresentados diversos conceitos divergentes, e nessa perspectiva a obra de Steven Engler, *Teoria da Religião Norte-americana: Alguns Debates Recentes*, argumenta sobre os conceitos genéricos e os problemas de se definir religião. De acordo com Engler (2004, p. 28, grifos do autor):

É difícil definir o que caracteriza essencialmente o conceito da religião: será Deus, deuses, o sagrado, as crenças numa vida após da morte, os rituais, a magia, o sacerdócio, as distinções entre classes sociais, os gastos econômicos irracionais ou a semelhança ao Cristianismo? Não existe e nunca existiu um consenso sobre o que define religião. Como afirma Michel Despland, depois de pesquisar centenas de escritores europeus nos últimos dois milênios: *"A palavra ‘religião’ não contém nenhum significado necessário.... A ideia da religião é contingente.... [e] é vinculada a contextos históricos e sociais bem determinados"*. O conceito do sagrado também varia, dependendo do contexto cultural e histórico.

As pesquisas de Michel Despland, fonte dos escritores europeus, buscam entendimento através dos métodos comparativos, onde aspira identificar uma essência padrão a todas as religiões. De acordo com Engler (2004, p. 29), “Existem dois principais métodos para comparar religiões: o que pretende enxergar uma essência comum a todas elas e o que pretende somente descrever os dados religiosos dentro de um padrão conceitual único”.

Os métodos alternativos, começando pela teoria descritiva de Benson Saler, com análises de teorias sobre o grupo de elementos da compreensão da religião, mas de acordo com Engler (2004, p. 34), “A partir de tal ponto de vista, uma religião é qualquer coisa que contenha uma certa quantidade de elementos desse grupo. Uma implicação dessa teoria é a ausência de distinção nítida entre religião e não-religião”. A religião encontra problemas do elemento comum para defini-la.

Parece não existir nada comum que permeia todas as religiões, de acordo com Engler (2004, p. 34, grifo do autor), “‘Religião’, então, é uma ‘categoria sem demarcação’. É um conceito descritivo que não pressupõe uma essência puramente religiosa ou a existência real do sagrado”. Ainda, buscou o caminho alternativo e as teorias materiais, de Talal Asad, Michel Despland e Gustavo Benavides, de acordo com Engler ( 2004, p. 34, 35, grifos do autor):

Talal Asad, pesquisa não a "religião" - como se estivesse óbvio o que significa esta palavra - mas a relação entre o trabalho conceitual das categorias usadas pelos acadêmicos ocidentais e o desconhecimento e a ocultação da agência de outras culturas. [...]. Despland pesquisa não a "religião", mas os textos que falam sobre determinadas relações sociais, [...]. Gustavo Benavides, propõe que conceitos como "religião" e "magia" não se referem a sistemas abstratos de crenças; eles funcionam como alavancas estratégicas dentro de lutas ideológicas, refletindo as tensões sociais, políticas e econômicas.

O autor desvela algo para a discussão sobre a religião, por não buscar o significado da palavra, mas o significado de religião como óbvio, e considerá-la existente e ancorada no entendimento daquela comunidade. Então, de acordo com Engler (2004, p. 36, grifo do autor):

Asad, Despland, e Benavides não investigam a religião como se fosse baseada em algo absoluto, "inteiramente outro", *sui generis*, essencialmente ligado ao vago conceito da "experiência" ou além dos processos materiais da História. Eles pesquisam as relações entre fenômenos sociais, políticos e econômicos e os fenômenos ditos "religiosos". No primeiro caso temos uma teoria absoluta e hipóteses que parecem baseadas em uma fé acadêmica; no segundo, temos uma teoria relativa e hipóteses falsificáveis.

Discutir religião é demonstrar a sua grandeza como instrumento de união dos povos, revelando a verdadeira história das religiões brasileiras. A Tese de Barcellos (2005), apresenta a vida cotidiana dos povos Indígenas Potiguaras, informando que eles não vivem sem a dimensão religiosa, que está interligada aos contextos Político, Econômico, Social e Cultural. Informa não existir impedimento étnico para os Potiguara, de realizarem os rituais da religião indígena e participar de outras denominações religiosas, de acordo com Barcellos (2005, p. 6, grifo do autor):

**Não é possível conceber um índio Potiguara sem a dimensão sagrada.** Isso fica muito evidente numa síntese feita por Iolanda (Aldeia Três Rios, ago. 2005), dizendo que “a religião indígena é o que realmente fortalece o índio. O eixo de tudo é a religião. O esteio que segura a cultura é a sua religião. Através dessa religião você consegue informações, você sabe como vai enfrentar uma demanda lá na frente”.

O termo *a religião indígena*, demonstra que se deve discutir na História das Religiões, a religião dos Povos Originários. Nosso questionamento, qual o motivo da Religião Indígena não entrar na discussão? Seria efeito do processo de apagamento imposto à grande Nação Indígena brasileira. Para pesquisa, nos limitamos a Nação Potiguara, para eles a religião é significativa, por ser considerada como o fortalecimento, que os sustenta na cultura e na vida, de acordo com Barcellos (2005, p. 7, grifos do autor):

A religião entre os Potiguara tem essa dimensão de sustentáculo da cultura e da vida, como bem afirmou Iolanda na sua fala. Nilda (set. 2004), referindo-se aos antigos parentes, fala: “hoje a gente cultua Deus, chama Deus; mas eles não sabiam chamar Deus. Pra eles tinha um Ser. Os índios mais velhos (Tia Severina) recebem a mensagem dos antigos *espíritos*. Índio não conhece a Bíblia e sim a natureza. Eles tinham aquela fé e não sabia também o que era fé como a gente sabe hoje”.

Quando os invasores chegaram ao Brasil, encontraram os povos originários com sua cultura e seus ritos orientados pelos mitos recebidos de suas divindades, ou seja, com sua cultura consolidada, de acordo com Barcellos (2005, p. 44):

O cristianismo foi se expandindo por meio das ordens religiosas trazidas pelo invasor-dominador que, em nome de Deus, tinham suas estratégias de evangelização, para fertilizar a fé católica na colônia. A religião difundida no Brasil poderia ter sido completamente diferente se os holandeses ou os franceses aqui tivessem logrado êxito.

A afirmação, de acordo com Barcellos (2005), diz respeito ao documento dos holandeses que foi encontrado, sobre a assistência dos Potiguara por franciscanos e Carmelitas, na Paraíba. Urge discutir e esclarecer os conflitos gerados pela diversidade religiosa, portanto, os cientistas da religião devem posicionar-se normativamente frente aos fatos, de acordo com Usarski (2015, p. 148):

Na vida cotidiana prática, seria errado não se posicionar normativamente diante de perspectivas conflituosas de diferentes tradições religiosas. Mas o cientista da religião se aproximaria dos seus objetos com uma perspectiva elevada e mais serena, tomando uma atitude de indiferença igual a um historiador da ciência que se dedica a um estudo histórico da alquimia.

Discutimos a religião que faz parte da sociedade, e encontra-se imbricada com a política. Esclarecimentos científicos são apresentados para que todos acessem à informação, momento de desmistificação sobre a própria religião.

A religião existe com ou sem definição, é de conhecimento popular para os brasileiros, contudo, não é comum e natural em âmbito mundial. O Brasil, está organizado com legislações referentes ao Ensino Religioso, fundamentado no artigo 210 da Constituição Federal de 1988[[4]](#footnote-4).

Entendemos o porquê de estarmos discutindo a História das Religiões, que era o problema, agora resolvido. O distanciamento foi cumprido, e o primeiro passo foi o compartilhamento dos resultados com a sociedade acadêmica, tornando públicas as informações contidas nos documentos pesquisados, que embasaram o resumo expandido.

**5 Considerações finais**

Trabalhamos inicialmente a importância da história das religiões, com uma proliferação crescente de definições concorrentes, sem a evidência de um consenso sobre o que define a religião. Além do problema do consenso, enfrentamos a dificuldade dos ditos populares, que encontram apoio em meio a sociedade, sendo um deles o dito popular, que: *Política, Religião e Futebol não se discutem*. Mediante a dificuldade apresentada, decidimos por meio da pesquisa bibliográfica, buscar o entendimento sobre o consenso da religião e do dito popular. Ficou confirmado que a religião não possui consenso, e não encontramos fundamentação para o dito popular.

A partir dessa pesquisa, trabalhamos as obras atinentes ao tema, mantendo o distanciamento orientado ao pesquisador, quando o entendimento tomou forma, demos início a construção do conhecimento. Os poucos estudos sobre às religiões afro-brasileiras e das religiões dos povos originários, confirmou-se pelo estado da arte. Neste resumo, optamos por trabalhar com os Povos Originários Potiguara, pela apresentação de uma visão de religião completamente diversa das demais pesquisas. Fato, que eles entendem religião de uma forma diferente das apresentadas nas pesquisas. Para os Povos Originários, a religião é entendida como instrumento de união dos povos, por sua grandeza e que dá força aos Indígenas Potiguara, e eles aprendem com as religiões brasileiras.

Na pesquisa teórico-bibliográfica, obras já citadas no texto, encontramos afirmações que não se concebe os Indígenas Potiguara sem a dimensão sagrada, que a religião indigena é quem os fortalece, e que o eixo de tudo para eles é a religião. Ainda, quem sustenta a cultura é a religião e através dela encontram a resposta para as demandas futuras. Portanto, o que está faltando para obtermos certas respostas, é buscar entendimento com os povos originários, que permanecem, em sua grande maioria, sustentados pelas religiões brasileiras.

Por fim, entendemos que os nossos textos permanecem abertos para proporcionarmos o debate que é salutar, com a finalidade precípua do aprofundamento do conhecimento, ora em construção, tendo como resultado esperado a evolução da ciência. Nosso entendimento foi deixarmos o texto produzido em parte, para ser dado prosseguimento ...

**Referências**

AMES, José Luiz. Religião e Política no pensamento de maquiavel. N. 113. Belo Horizonte: *KRITERION: Revista de Filosofia*, 2006, p. 51-72. Disponível em: https://www.scielo.br/j/kr/a/ qF7Mdy8DFBjVdcQsRpn94bt/?format= pdf&lang=pt. Acesso em: 20 jun. 2024.

BARCELLOS, Lusival Antonio. *Práticas educativo-religiosas dos Índios Potiguara da Paraíba*. 2005. 335 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.

BAPTISTA, Saulo de Tarso Cerqueira. Saberes e práticas na pesquisa em Ciências da Religião. In: SILVEIRA, Emerson Sena da *et al* (org.). *Como estudar as religiões*: metodologias e estratégias. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

BENTO, Mariane Gonçalves. Religião e política no Brasil: violência legitimada. v. 18, n. 1. Juiz de Fora: *Sacrilegens*, p. 47-60, 2021. Disponível em: https://periodicos.ufjf.br/index.php/ sacrilegens/ article/view/34156. Acesso em: 24 jul. 2024.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Presidência da República, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Diretoria de Avaliação (DAV). *Documento de área. Área 44: Ciências da Religião e Teologia.* Brasília, 2019. Disponível em: https://www.gov.br/ capes/pt-br/centrais-de-conteudo/ ciencia-religiao-teologia-pdf. Acesso em: 24 jun. 2024.

CARVALHO, Felipe Marcelo Gonzaga de. *Política, Religião e Futebol não se discutem. Quem disse que não?* Joinville: Clube de Autores, 2016.

ENGLER, Steven. Teoria da Religião Norte-americana: Alguns Debates Recentes. *REVER: Revista de Estudos da Religião*, n. 4, p. 27-42, 2004. Disponível em: https://www.pucsp.br/ rever/rv4 \_ 2004/p \_engler.pdf. Acesso em: 15 abr. 2024.

PIEPER, Frederico. Religião: limites e horizontes de um conceito. *Dialnet*, 2019. Disponível em: https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7433569.pdf. Acesso em: 16 abr. 2024.

RODRIGUES, Elisa. Religião e violência: uma leitura fenomenológica. *Estudos Teológicos (*Online), v. 59, p. 61-79, 2019. Disponível em: http://periodicos.est.edu. br/ index.php/estudos \_teologicos/article/view/ 3615. Acesso em: 20 jun. 2024.

SAMPAIO, Dilaine Soares. Ciências da Religião e Teologia como área autônoma: reconfiguração do debate epistemológico, novos desafios e perspectivas para o estudo das (não) religiões e da(s) espiritualidade(s). Belo Horizonte: *Horizonte*, 2019. Disponível em: https://periodicos.pucminas. br/index.php/horizonte/ article/ view/20337. Acesso em: 18 mar. 2024.

SILVEIRA, Emerson Sena da; (org.). *Como Estudar as Religiões*: Metodologias e Estratégias. Petrópolis: Vozes, 2018.

USARSKI, Frank. História da Ciência da Religião. *Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura*, 2015. Disponível em: https://www.pucsp.br/sites/default/files/download/ posgraduacao/programas/cienciadareligiao/usarski-historia-da-ciencia-da-religiao.pdf. Acesso em: 18 mar. 2024

1. Mestrando em Ciências das Religiões pelo PPGCR/UFPB. E-mail: luiz.lima2@academico.ufpb.br. [↑](#footnote-ref-1)
2. Doutorando em Ciências das Religiões pelo PPGCR/UFPB. E-mail: kaiqueags2222@gmail.com. [↑](#footnote-ref-2)
3. Bacharelando em Ciências das Religiões pelo PGCR/UFPB. E-mail: edvaldosilvanascimento@hotmail.com [↑](#footnote-ref-3)
4. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ ccivil\_03/ constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 24 jul. 2024. [↑](#footnote-ref-4)